

PERFIL E ATUAÇÃO DO MUSICOTERAPEUTA NA MARINHA DO BRASIL

PROFILE AND PERFORMANCE OF THE MUSIC THERAPIST IN THE BRAZILIAN NAVY

Raquel Ribeiro Arantes Moreira¹, Fernanda Valentin²

Resumo - As Forças Armadas do Brasil são essenciais na execução da segurança nacional, e são constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica. Este artigo tem como objetivo apresentar um levantamento sobre o perfil e atuação do musicoterapeuta na Marinha do Brasil. Para isso, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa em que foram entrevistadas quatro musicoterapeutas que atuam ou já atuaram neste contexto militar. Após análise os dados foram organizados em quatro categorias: vínculo de trabalho; competências e habilidades do musicoterapeuta; áreas de atuação e trabalho em equipe; e objetivos da musicoterapia. Os resultados mostram que duas musicoterapeutas já atuaram e três atuam na Marinha do Brasil com vínculo militar nas áreas de saúde mental, assistência social e reabilitação, em equipes multiprofissionais. De acordo com as entrevistadas, o objetivo principal do musicoterapeuta na Marinha do Brasil é a promoção da saúde e o grande desafio está em desempenhar o serviço como profissionais da saúde em consonância com as atividades militares. Tendo em vista o que foi apresentado, ressalta-se o empenho das musicoterapeutas em ampliar o número de profissionais dessa área, concomitantemente com o desejo de reconhecimento da relevância da musicoterapia nesse contexto.

Palavras-Chave: musicoterapia, marinha do Brasil, profissão em saúde.

Abstract - The Armed Forces of Brazil are essential in the implementation of national security and are constituted by the Navy, the Army and the Air Force. This article aims to present a survey on the profile and performance of music therapists in the Brazilian Navy. To this end, it developed a qualitative research in which four music therapists who work or have worked in this military context were interviewed. After analysis, data were organized into four categories: employment relationship; competences and skills of the music therapist; areas of expertise and teamwork; and objectives of music therapy. The results show

¹Graduanda em Musicoterapia (UFG). Goiânia/GO. mtraquelribeiro@outlook.com

²Doutora em Psicologia Clínica e Cultura - UnB. Mestre em Música e Graduada em Musicoterapia (UFG). Coordenadora da Graduação em Musicoterapia (UFG). Goiânia/GO. mtfemandavalentin@gmail.com

that two music therapists are already activated and three are activated in the Brazilian Navy with military ties in the areas of mental health, social assistance and rehabilitation, in multidisciplinary teams. According to the interviews, the main objective of the music therapist in the Brazilian Navy is to promote health and the big challenge is to use the service as health professionals in line with military activities. In view of what was presented, highlight it or the commitment of music therapists to increase the number of professionals in this area, concomitantly with the desire to recognize the relevance of music therapy in this context.

Keywords: music therapy, Brazil's navy, health profession.



MUSICOTERAPIA

Introdução

As Forças Armadas do Brasil (FA) são essenciais na execução da segurança nacional e são constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica. Essas forças visam defender a nação e garantir seus poderes constituídos, de lei e de ordem. São instituições nacionais organizadas com base na hierarquia e na disciplina sob autoridade suprema do Presidente da República, dentro dos limites da lei (MARINHA DO BRASIL, s/d).

A carreira militar mantém um alto nível de exigência para o profissional, envolvendo diversos sacrifícios pessoais. Isto é uma característica singular da carreira que exige, por exemplo, que o trabalhador se prive em, em alguns momentos, do convívio familiar e/ou mude de cidade (MARINHA DO BRASIL, s/d). O Estatuto dos Militares estabelece que deveres militares são um conjunto de elos firmes e morais que ligam o militar à Pátria. Esses deveres abrangem basicamente a dedicação e a fidelidade, como por exemplo, o culto aos símbolos nacionais; a seriedade e a lealdade aos superiores em todas as circunstâncias; a disciplina e o respeito à hierarquia; o rigoroso cumprimento das obrigações e das ordens (PASSOS, 2018).

O profissional militar pode constituir uma reserva de 1ª classe (militar de carreira) e 2ª classe (militar temporário) das FA, e independentemente de sua reserva deve, mesmo no período de folga, estar sempre pronto para convocações, que são regidas pelo código de ética militar. Quanto ao código de ética, existem alguns pontos importantes a serem destacados no que diz respeito aos valores militares como: coragem (decidir, executar a decisão, assumir risco de vida); dever (cumprir a legislação, obediência à autoridade, dedicação e responsabilidade); e patriotismo (respeito aos símbolos nacionais, sentimento de nação) (DPHCEX, online).

A Marinha do Brasil é responsável por conduzir operações navais, sendo a mais antiga das FA brasileiras. Foi criada em 1822 quando esteve envolvida

na guerra de independência do Brasil do domínio português. Participou da primeira e segunda guerras mundiais, disponibilizando patrulhas antissubmarino no Atlântico. Atualmente a Marinha possui o título de Poder Naval no Brasil (MARINHA DO BRASIL, s/d).

Dentre os espaços de atuação da Marinha, existe o Corpo de Saúde da Marinha (CSM), que visa suprir as demandas civis com Oficiais graduados em áreas da saúde, tais como: enfermeiros; nutricionistas; psicólogos; musicoterapeutas; farmacêuticos; entre outros (MARINHA DO BRASIL, s/d).

Desde 2004 abrem-se vagas para musicoterapeutas atuarem no CSM. Como profissional da saúde, o musicoterapeuta utiliza a música e todas as suas facetas para ajudar indivíduos a melhorar, recuperar ou manter a saúde, em um processo interpessoal. Nessa perspectiva, a saúde é compreendida de forma integral ao considerar os aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais (BRUSCIA, 2016). Sobre pesquisas em musicoterapia no contexto militar, Pontes et al. (2006) verificou que a musicoterapia foi capaz de reduzir os níveis de ansiedade e *stress* ocupacional presente em policiais militares.

A partir do desejo da autora de atuar nesse contexto e da ausência de pesquisas científicas nessa área, o presente trabalho tem como objetivo apresentar um levantamento sobre o perfil e atuação do musicoterapeuta na Marinha do Brasil.

Metodologia

Este artigo trata-se de uma pesquisa qualitativa em que os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas, fruto de um trabalho de conclusão do curso de graduação em Musicoterapia da Universidade Federal de Goiás. Ressalta-se que o propósito central de uma pesquisa qualitativa está em compreender objeto de estudo, levando em conta sua singularidade (MINAYO, 2011). No caso de entrevistas em pesquisas qualitativas, é importante ressaltar que a qualidade da entrevista depende da arte, da vivência

e da habilidade do investigador, responsável pela particularidade do trabalho que elabora (MINAYO, 2011).

Participantes

Foram entrevistadas quatro musicoterapeutas do sexo feminino, brasileiras e nascidas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil (uma no Rio Janeiro, duas em São Paulo e uma no Paraná). Todas elas são graduadas em musicoterapia, sendo duas formadas pelo Conservatório Brasileiro de Música (CBM) e duas pela Faculdade Estadual do Paraná (UNESPAR), associadas à Associação de Musicoterapia do Rio de Janeiro (AMTRJ) e possuem idade entre 34 e 46 anos.

Todas as entrevistadas cursaram pós-graduações, sendo elas: especialização em psicomotricidade, saúde mental e atenção psicossocial; psicossomática contemporânea, neurociências aplicada em reabilitação; história da música e análise musical; e mestrado em saúde materno infantil.

Das quatro entrevistadas duas estão em exercício e duas são reservistas, pois já finalizaram o período de serviço previsto. Quanto a forma de ingresso, duas foram por seleção de currículo e duas por concurso público.

Como forma de identificar as entrevistadas e a fim de preservar a identidade das mesmas, em acordo com as exigências do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, Resolução nº 510/16, serão utilizados os termos Mt.1, Mt. 2, Mt. 3 e Mt. 4 ao referir as mesmas.

Instrumento de coleta de dados

Para esta pesquisa utilizou-se a entrevista semi-estruturadas como instrumento de coleta dados. A entrevista trata-se de uma conversa com um ou mais interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador que tem por objetivo a construção de informações, com temas pertinentes, tendo em vista o

objetivo traçado (MINAYO, 2011). Na entrevista semiestruturada, também denominada de semidiretiva ou semi-aberta, pode-se emergir informações de forma mais livre, e as respostas não ficam condicionadas a uma padronização de alternativas (MANZINI, 2004). Deste modo, foi criado um roteiro com perguntas referentes ao tema de investigação proposto.

Procedimentos

Seguindo as normas da Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/12, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP/UFG, sob o parecer de nº 116884/19.

Em seguida, fez-se contato com a União Brasileira das Associações de Musicoterapia (UBAM) e Associação Goiana de Musicoterapia (AGMT) para divulgação da pesquisa para os musicoterapeutas que atendessem ao seguinte critério: atuar ou já ter atuado na Marinha. Também foi feita uma chamada pública via email, *WhatsApp* e *Facebook*.

Aliado a isso, a pesquisadora realizou buscas nas redes sociais e encontrou uma musicoterapeuta que atendia ao critério de seleção. Por meio do contato com a primeira entrevistada, outras quatro musicoterapeutas foram selecionadas, mas uma delas não teve disponibilidade para realizar a entrevista. Todas as entrevistadas concordaram em participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As entrevistas ocorreram entre outubro e novembro de 2019 de forma online, por meio de chamada de vídeo pelo *Messenger* e *Skype*, e agendadas conforme disponibilidade das entrevistadas.

Realizadas de forma individual e gravadas em formato de áudio Mp4, as entrevistas tiveram duração de 36 minutos a 1 hora e 15 minutos. Para análise dos dados foi utilizado o método da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Esse método prevê as etapas de pré-análise e criação de um perfil. Após a pré-análise do material coletado, ocorre uma transformação dos dados de sua

forma bruta em texto, permitindo o pesquisador esclarecer suas impressões do conteúdo. Concluída a etapa de transformação, passa-se à identificação de elementos peculiares do material presente na coleta de dados e a criação de categorias (BARDIN, 2011).

Resultados e Discussão

Com base nos dados analisados, foram construídas quatro categorias sobre o perfil e atuação do musicoterapeuta na Marinha do Brasil: 1. Vínculos de trabalho; 2. Competências e habilidades do musicoterapeuta; 3. Áreas de atuação e trabalho em equipe e 4. Objetivos da musicoterapia.

1. Vínculo de trabalho

A partir dos dados coletados, foi observado uma distinção entre os profissionais que atuam no serviço militar, já que eles podem ter vínculo como militar ou como civil.

O vínculo militar é federal e o profissional deve se subordinar às normas de hierarquia e disciplina militares. Para ser um militar é necessário passar por um processo seletivo da Marinha em que o profissional concorre a uma vaga temporária ou de carreira. O serviço militar temporário, opção atual para a área de musicoterapia na Marinha, pode ser exercido no período de no máximo 8 anos, constitui uma reserva de 2ª classe das FA e é estabelecido por meio de contrato, podendo ser renovado anualmente a depender da Marinha e/ou do profissional.

“Com o vínculo de contrato temporário, a gente renova anualmente com a Marinha tendo o interesse de ambas as partes, aí o contrato pode ser renovado por até 8 anos” (Mt. 3).

Outra possibilidade é o vínculo como civil, no qual o profissional é contratado para executar funções específicas, um trabalho terceirizado. De

acordo com Diniz (2018), o trabalho terceirizado é vinculado através de um contrato, com tempo determinado para execução de um serviço específico.

A Mt. 4 esclarece sobre a forma de pagamento para profissional enquanto civil ou terceirizado:

“Sobre o regime, pelos 8 anos que eu fui temporária, quando retornei, eu retornei como civil, eu não era mais militar, por dois anos eu retornei como civil e eu era uma prestadora de serviço pra Marinha, eles me pagavam com RPA, né? Um recibo de profissional autônomo” (Mt.4).

As três musicoterapeutas que estão atualmente em exercício possuem vínculo militar. Duas também atuaram como militares, mas estão como reservistas por terem cumprido o período de oito anos. Antes e após exercerem serviço como militares, as musicoterapeutas atuaram como civis. Ressalta-se que antes do ingresso da primeira musicoterapeuta militar da Marinha, só existia o serviço de musicoterapia com vínculo civil. Após elaboração de um projeto por parte de umas das entrevistadas, foi criado um quadro temporário para musicoterapeutas como militares.

Esse quadro temporário que possibilitou às musicoterapeutas um vínculo militar foi um ganho para a profissão e para os musicoterapeutas do Brasil. Além da visibilidade, o vínculo militar proporciona uma estabilidade que o trabalho terceirizado não provê.

No concurso público para o cargo de militar são realizadas: prova de títulos; prova física; entrevista e treinamento no período aproximado de 90 dias. O curso de treinamento da Marinha é realizado no Centro de Instrução Almirante Wandenkolk (CIAW), localizado no Rio de Janeiro.

Quanto a entrevista, a Mt. 2 descreve um pouco do processo por ela vivenciado:

“Eu já fiz banca e assim... você tem perguntas a nível de política, nível de religião, se a pessoa tem problemas com armas por se tratar de um serviço armado, se já manuseou arma, se já teve contato com armamento, se tem algum problema. Então, são perguntas meio assim, às vezes inusitadas, como se fosse uma prova oral” (Mt. 2).

Quanto ao treinamento, a Mt. 1 comenta:

“...teve um curso de formação (que) englobou um estágio. Foram dois meses. Foram três dias de adaptação e depois dois meses de formação... formação militar. Estudando sobre as forças armadas, sobre a Marinha, é... levanta cedo, vai marchar, vai ficar em sentido, vai prestar continência, vai estudar sobre hierarquia e disciplina” (Mt. 1).

O candidato que está em fase de treinamento fica no posto de guardamarinha, e após um ano, obtém o posto como segundo-tenente, podendo chegar ao posto de primeiro-tenente em 8 anos.

Especificamente, no treinamento militar existem fases em que o candidato precisa capacitar-se no manuseio de armas adquirir conhecimento sobre legislações específicas, hinos e canções que envolvem a ordem unida.

“Nesse treinamento a gente aprende sobre a legislação militar, legislação específicas da Marinha, documentação, leis específicas, regimentos militares. A gente aprende sobre armamento. Por ser das forças armadas, têm instrução de tiro, a gente aprende um pouco sobre os navios da Marinha. Tem atividade física também, faz parte das rotinas militares que é o que a gente chama de TFM (Treinamento Físico Militar). Tem ordem unida que são rotinas específicas de como marchar, prestar continência, todas essas coisas que envolvem cerimoniais militares, formaturas, alinhamento, que daí o nome específico da ordem unida”. (Mt. 3)

Assim, na compreensão das entrevistadas o musicoterapeuta que passa pelo treinamento militar tem a oportunidade de desenvolver competências como liderança e flexibilidade para atuar em um contexto com normas e legislações específicas.

2. Competências e habilidades do musicoterapeuta

O musicoterapeuta que deseja atuar no contexto militar deve ter competências específicas. De acordo com Rabaglio (2001), ter as

competências necessárias para o desenvolvimento de determinado trabalho gera excelência, qualidade e resultado. Sendo assim, competência pode ser definida como “conhecimentos, habilidades e atitudes que são os diferenciais de cada pessoa e tem impacto em seu desempenho nos resultados atingidos” (RABAGLIO, 2001).

Refletindo sobre as competências essenciais para a atuação do musicoterapeuta na Marinha, as musicoterapeutas entrevistadas ressaltam:

“Tem que ter uma personalidade muito forte, principalmente a gente enquanto musicoterapeuta, é complicado, eu acho que você tem ao mesmo tempo, quando você entra, você tem que ser humilde, você tem que chegar devagar, mas também se impondo, né? Porque se não, passam por cima de você”. (Mt. 2)

“[...] os pilares das forças armadas é a hierarquia e a disciplina, então eu acho que pro musicoterapeuta que vai trabalhar nas Forças Armadas, essa questão da disciplina é importante. O respeito, a postura, são coisas que são importantes. Saber trabalhar em uma instituição grande, que vai ter suas próprias regras, trabalhar em conjunto, tem também uma questão de liderança”. (Mt. 3)

“[...] disciplina, compromisso, eu acho que a gente tem que ter disponibilidade pra novos aprendizados, porque eles são apresentados pra nós a toda hora, a gente tem que ter resolutividade, você tem que ser objetivo, prático”. (Mt. 4)

As falas das musicoterapeutas remetem ao desenvolvimento de um perfil de liderança, com princípios rígidos de disciplina e hierarquia mas, ao mesmo tempo, sem desapossar da sensibilidade e de uma escuta ampliada desenvolvidas durante a formação em musicoterapia.

“O que é o perfil militar? É uma pessoa que é capaz de se impor em uma rigidez. Tem que ter um nível de rigidez que te sustente e te proteja, o musicoterapeuta precisa ter esse nível de rigidez consciente. Não tô falando de rigidez no sentido de ser uma pessoa dura, mas no sentido de ser uma pessoa que tem um prumo, que mostra que sabe o que tá fazendo e que batalha e que luta por aquilo” (Mt. 1).

“[...] eu não imaginava o que era uma postura militar, eu fui aprender depois que eu entrei, e aí, eu me descobri assim, entendeu? Você não tem a menor ideia que você tem um perfil militar, aí você faz uma prova, você entra, de repente você tá se descobrindo uma pessoa que exerce uma liderança, que é capaz de estar no lugar de gestão” (Mt. 1).

A formação do musicoterapeuta é dividida em três principais áreas: musical, científica e de sensibilização. Na área musical, procura-se o desenvolvimento das habilidades ao fazer musical, a compreensão da música como expressão: aspectos do mundo interno, como narrativa, com sentido e significado; como metáfora, além de abranger noções sobre teorias musical (UBAM, 2018). Na área científica, o objetivo das disciplinas é levar o aluno a conhecer, de forma teórica e prática, o corpo humano nos seus aspectos anatomo-fisiológicos, bem como, a estrutura e funcionamento do aparelho psíquico e dos processos psicológicos básicos. A área de sensibilização visa a consciência e a reflexão necessária para integrar a produção sonoro-musical com a corporal em atendimentos individuais ou grupais, de forma que desenvolva a sensibilidade do estudante enquanto pessoa e futuro musicoterapeuta (ZANINI, 2005). A Mt.1 comenta sobre como aspectos desenvolvidos durante a formação acadêmica se apresentam ao longo da carreira militar:

“Olha, tem que ser um profissional com muito jogo de cintura, porque o musicoterapeuta em sua essência de formação, são pessoas sensíveis ou acabam se sensibilizando ao longo da carreira. Tem que ter muito jogo de cintura, tem que ter muita sociabilidade, tem que ser uma pessoa sagaz nas relações, tem que entender como funciona as relações e tem que se impor, tem que se colocar” (Mt. 1).

A musicoterapia é competência do musicoterapeuta. Esse profissional possui nível superior, sendo graduado ou especializado em musicoterapia. Segundo a UBAM (2018), na matriz DACUM da musicoterapia, o musicoterapeuta deve ser capaz de realizar tratamento por meio de vínculo sonoro-musical; fazer música com finalidade terapêutica; analisar condições de pacientes/cliente/usuários; exercer atividades administrativas; entre outros.

Deste modo, o musicoterapeuta pode desenvolver habilidades no decorrer de sua formação e durante a atuação no serviço militar, como a capacidade de prever situações e tomar medidas preventivas ao se deparar com problemas, não fugindo das legislações e éticas militares e de sua essência de formação.

3. Áreas de atuação e trabalho em equipe

A Marinha do Brasil é dividida em Organizações Militares (OM), e dentro dessas organizações existem os Núcleos de Assistência (NA), que são regidas por diretorias específicas.

Atualmente, há três musicoterapeutas militares e estas atuam com vínculo temporário. Duas desenvolvem suas práticas no serviço de Saúde Mental (Diretoria de Saúde), e uma no serviço de Assistência Social (Diretoria de Assistência Social). O serviço de reabilitação atualmente está sem musicoterapeuta, entretanto, há um processo seletivo em andamento para o preenchimento da vaga.

Quanto ao público atendido, é importante ressaltar que os serviços da Marinha só podem ser utilizados por profissionais militares (em exercício ou não) e seus dependentes.

“Aqui nós atendemos os pacientes que têm direito ao sistema de saúde da marinha. Militares da ativa (ou não), dependentes desses militares, geralmente filhos, esposa. A gente atende aqui, não só do Rio de Janeiro mas atende militares do Brasil inteiro [...]” (Mt. 3).

O serviço de saúde mental funciona na Unidade Integrada de Saúde Mental (UISM) e existem setores específicos para as atividades desenvolvidas.

“Dentro desse hospital psiquiátrico você tem o setor de emergência, você tem dois setores, que é o de enfermagem masculina e feminina. Tem o Centro de Atenção Diária (CAD) que é como aquele hospital-

dia, são para pacientes esquizofrênicos, algumas outras comorbidades, bipolares, enfim...” (Mt. 2).

“[...] a gente leva os pacientes pro CAD, né? No caso, tem uma sala exclusiva pro atendimento de musicoterapia, até uma sala com isolamento acústico, com instrumentos musicais. Então, (levamos) os pacientes pra atender lá ou (atendemos) lá embaixo na enfermaria” (Mt. 3).

De acordo com a Mt. 4, o público dos serviços de musicoterapia na UISM são

“jovens, adultos e até idosos com demandas psiquiátricas. Por oito anos no setor de psiquiatria, os dois anos em que eu estive como civil foi estimulação precoce e reabilitação infantil, então de zero a seis anos [...]” (Mt. 4).

Os Serviços de Assistência Social da Marinha (SASM) foram a segunda NA a completar o quadro com os serviços de musicoterapia, conforme a Mt. 1 conta:

“eu fui parar na assistência social. É o primeiro caso na Marinha. A minha profissão é apoio à saúde. Então eu sou a primeira a atuar na assistência social da Marinha” (Mt. 1).

Segundo a Mt. 1, o maior público dos atendimentos no SASM são

“idosos de 60 anos pra cima. É um público idoso, é bem específico, são os militares veteranos, não dá pra dizer que são os ativos porque com 60 anos você não é mais ativo na Marinha, você entra pra reserva antes. Esse projeto é pra essa (clientela), militares, dependentes e pensionistas” (Mt. 1).

Quanto ao setor de Reabilitação, seu local de funcionamento e público-alvo, a Mt. 2 esclarece:

“Você tem a Policlínica Nossa Senhora da Glória, era a última organização militar em que eu estava trabalhando. Eu trabalhava com um grupo de pacientes com deficiência, desde a estimulação da parte de bebês, estimulação infantil, pacientes da área de reabilitação, parte neurológica, eu ficava com os autistas e Asperger” (Mt. 2).

As musicoterapeutas estão inseridas em equipes constituídas por profissionais das áreas de psicologia, enfermagem, educação física,

pedagogia, terapia ocupacional, psiquiatria, odontologia, nutrição e assistência social.

“Somos em duas musicoterapeutas, cinco terapeutas ocupacionais agora, enfermeira, um educador físico, tem uma equipe grande de técnicos de enfermagem, neste setor específico eles trabalham como os oficinairos no CAPS. Aqui no hospital nós temos também psiquiatra, psicólogo, dentista, nutricionista, assistente social, o trabalho acaba sendo bastante interdisciplinar” (Mt. 3).

Trabalhar em equipe é um desafio. Quando a equipe é formada por profissionais de diversas áreas e ainda em um contexto rígido como no ambiente militar, se torna um desafio ainda maior. As equipes de trabalho podem ser classificadas em multiprofissionais, com trocas limitadas e compartilhamento de informações de forma pontual ou inexistentes; interprofissionais, em que há troca de instrumentos, técnicas, metodologia e esquemas conceituais entre os profissionais; e multiprofissionais de modo transdisciplinar, com alto nível de trocas entre os profissionais, e em que se tem uma compreensão complexa do público atendido (JAFELICE & MARCOLAN, 2017).

Considerando tal classificação, as entrevistadas avaliam suas equipes de trabalho.

“Bom, a equipe, na minha leitura, ela é multiprofissional, mas a equipe acha, ela entende, dentro dos conhecimentos teóricos de cada um que é transdisciplinar, só que não é. As tarefas são divididas, a gente não consegue trocar, não tem tempo porque é muito trabalho. Quando a gente consegue se reunir, não dá tempo de contar o que cada um tá fazendo, então pra ninguém sobrecarregar de trabalho, as tarefas são divididas” (Mt. 1).

“A mentalidade infelizmente ainda é muito aquele olhar multidisciplinar, você tem vários profissionais mas todo mundo dentro do seu quadradinho, as pessoas pouco desenvolvem realmente um discurso de fato. Os profissionais também são capacitados e são bons, só que depois que você começa a entrar no esquema, que você acaba indo mais pra “bater o cartão”, receber o seu dinheiro no início do mês, a maioria acaba naquele “efeito galo”, marca o ponto, ninguém se aborrece, vira um trabalho multiprofissional” (Mt. 2).

“Na época que eu estive lá, (o trabalho era) multidisciplinar, mais pro final já tava talvez indo pra transdisciplinar. Mudou chefia de setor, as coisas estavam tendo um outro olhar, uma outra dinâmica, mas na maior parte do tempo foi multiprofissional” (Mt. 4).

“(A equipe em que trabalho é multiprofissional), porque a gente trabalha bastante em conjunto a ponto assim de atender junto, de um dar ideia pra oficina do outro, de atender junto na oficina, de fazer trabalhos interligados, eu acho que vai além, as trocas são bem grandes” (Mt. 3).

Percebe-se pelos relatos que, apesar do desejo e compreensão da necessidade de trocas, ainda é um desafio a efetivação de equipes multiprofissionais de forma transdisciplinar.

4. Objetivos da musicoterapia

Os objetivos da musicoterapia no contexto de saúde são variados e dependem da clientela atendida. Um deles é proporcionar experiências musicais ao indivíduo, promovendo melhoras em suas relações intra e interpessoais. Tais experiências podem ser de improvisação, composição, re-criativas ou receptivas. (Bruscia, 2017). A Mt.3 pontua que a promoção da saúde não acontece apenas ao paciente, mas chega até a equipe, ao ambiente como um todo.

“Acho que depende um pouco da OM, né? Mas, no geral, o objetivo da musicoterapia na marinha é o de proporcionar experiências musicais que promovam a saúde. Acho que o objetivo da musicoterapia em si, é promover a saúde através de experiências musicais, sejam elas verbais ou não” (Mt. 3).

As demais entrevistadas ressaltam como a musicoterapia se configura como um trabalho essencial dentro da Marinha do Brasil, que a reconhece como profissão necessária dentro do CSM.

“A musicoterapia na Marinha é uma ferramenta de promoção de saúde através da música, através das experiências musicais. Promoção de saúde não só do paciente atendido, mas também da equipe. A gente observa o quanto a musicoterapia mobiliza não apenas o paciente que está sendo atendido, mas o ambiente em si, o ambiente sonoro é transformado também” (Mt.3).

“Existe um reconhecimento da Marinha em relação a musicoterapia, ao profissional musicoterapeuta, eles entendem a importância do trabalho e por isso cada ano abre vaga” (Mt. 1).

“Acho que o objetivo principal da musicoterapia é somar com as outras áreas, mas por um viés que as outras áreas não chegam, não alcançam” (Mt. 2).

Elas demonstram o apreço pela profissão e o desejo de que se amplie as vagas para musicoterapeuta na Marinha do Brasil.

“Eu gostaria de expandir, eu queria que tivesse no Brasil inteiro, nos outros hospitais, no sistema de saúde em geral, em outras forças também. É um campo muito amplo, tem espaços, tem demanda, acho que o que falta é a gente enquanto musicoterapeuta conseguir se inserir, ocupar esses espaços. Mas o trabalho aqui é muito bem aceito, muito bem visto, respeitado. A musicoterapia é uma profissão muito respeitada como qualquer outra profissão da área da saúde e isso é muito legal” (Mt. 3).

“Olha, quando eu entrei na Marinha existia só uma vaga de musicoterapeuta no Brasil inteiro. O meu pensamento era: aqui eu vou ficar oito anos, eu preciso ampliar isso aqui, mais musicoterapeutas precisam vir. É de fundamental importância o musicoterapeuta estar inserido no serviço militar, seja de qual força for. Os militares usam muito a música, eles tem música pra tudo, então mais do que (adequado) um musicoterapeuta pra poder estar falando sobre a vida musical dos militares” (Mt. 4).

Nota-se que, apesar das dificuldades, por serem poucas profissionais atuando, existe um empenho em ampliar o serviço e obter o reconhecimento da instituição.

Considerações Finais

Este trabalho possibilitou o contato com musicoterapeutas que atuam na Marinha do Brasil como profissionais da saúde e também militares das FA. Além disso, promoveu um levantamento do perfil do musicoterapeuta que atua neste contexto militar. Verificou-se que duas musicoterapeutas já atuaram e três estão atuando na Marinha do Brasil, com vínculo militar, atuando nas áreas de saúde mental, assistência social e reabilitação, em equipes multiprofissionais.

Destaca-se o desafio das musicoterapeutas em desempenhar o serviço como profissionais da saúde e a realização de atividades militares, aliando sensibilidade e rigor. O interesse das musicoterapeutas de que se amplie o número de profissionais dentro das FA e de que haja reconhecimento da profissão por parte da Marinha, ficou em evidência em toda a pesquisa. É relevante pontuar que, a musicoterapia é uma profissão nova no quadro de oficiais temporários, mas com potencial para a inclusão desse serviço no quadro de oficiais de carreira, pertinente a altas demandas do serviço.

Como limitações do trabalho, não foi possível realizar entrevista com uma musicoterapeuta que atendia os critérios de inclusão, pois a mesma não teve disponibilidade de horário, durante o período da coleta de dados.

Quanto à questão de gênero, destaca-se que todas as musicoterapeutas que atuam na Marinha do Brasil são do sexo feminino. Isso provoca questionamentos e impulsiona a realização de outras investigações.

Destaca-se ainda o desejo da continuidade dessa pesquisa, com a realização de entrevistas com profissionais que atuam em conjunto com as musicoterapeutas entrevistadas, para que haja desta forma, uma compreensão mais aprofundada da musicoterapia nesse contexto.

MUSICOTERAPIA

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRUSCIA, K. E. **Definindo musicoterapia**. Tradução: Marcus Leopoldino. 3ª ed. Dallas: Barcelona Publishers, 2016.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução na 466**, de 12 de Dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: CNS; 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>.

DPHCEX. Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército. Disponível em <http://www.dphcex.eb.mil.br/images/PRVT/Cartilha-2---VALORES-E-TICA-PROFISSIONAL-MILITARES---A3-Verso-Provisrio.pdf>. Acesso em: 30 Nov. 2019.

JAFELICE, Giovana Telles; MARCOLAN, João Fernando. Perception of mental health professionals about the multiprofessional work with residents. **Journal of Nursing UFPE** on line, [S.l.], v. 11, n. 2, p. 542-550, jan. 2017. ISSN 1981-8963. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/11972>. Date Acesso em 15 July 2020. doi:<https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i2a11972p542-550-2017>.

MARINHA DO BRASIL, s/d. **Marinha do Brasil protegendo nossas riquezas, cuidando da nossa gente**. Carreira militar. Disponível em <http://www.marinha.mil.br/carreira-militar>. Acesso em: 29 Nov. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, Out. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007&lng=en&nrm=iso. Acesso em 21 Dez. 2019.

PASSOS, Cases Fábio. **Legislação Militar**. Escola de Aprendizes-Marinheiros do Espírito Santo. Vila Velha, ES. Fev. 2018. Rev. 6. Disponível em: <https://www.marinha.mil.br/eames/sites/www.marinha.mil.br/eames/files/LEG MIL.pdf>. Acesso em 21 Dez. 2019.

PONTES, Siralberto Francisco; ZANINI, Cláudia Regina de Oliveira; CAIXETA, Cássia Maria Moura P. **A intervenção musicoterápica na polícia militar; uma ação buscando o tratamento da ansiedade e stress ocupacional**.

Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Musicoterapia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

RABAGLIO, Maria Odete. **Seleção por Competências**. 2ª edição, Editora: Educator, São Paulo, 2001.

UBAM. **Normativas do Exercício Profissional do Musicoterapeuta - Matriz Dacum**. 2018. Disponível em: <<http://ubammusicoterapia.com.br/wp-content/uploads/2018/08/DACUM-2-a.pdf>>. Acesso em: 21 Dez, 2019.

VALORES, DEVERES E ÉTICAS MILITARES. Vade-Mécum 10 (Portaria nº 156, de 23 de abril de 2002, Comandante do Exército). Brasília: SGE, 2002.

ZANINI, Claudia Regina de Oliveira. O curso de Musicoterapia da Universidade Federal de Goiás - a formação e a identidade profissional do musicoterapeuta. **Revista UFG**, v. 7, n. 2, 29 set. 2005.

Recebido em 04/02/2020
Aprovado em 17/03/2020



MUSICOTERAPIA